



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação



LOCALIZAÇÃO

Av. Francisco Lopes de Almeida, S/N - Bairro Serrotão - CEP:
58429-970 - Caixa Postal 10067 - Campina Grande-PB.

FALE CONOSCO

Fone: +55 (83) 3315-6400

E-mail: insa@insa.gov.br

www.insa.gov.br

[@insamcti](https://twitter.com/insamcti)



O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Riquezas, diversidades e saberes



Coleção: (Re)conhecendo o Semiárido

Nº : 01 | Ano: 2014

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

O SEMIÁRIDO BRASILEIRO ***Riquezas, diversidades e saberes***

Autores

Ana Paula Silva dos Santos
Aldrin Martin Perez-Marin
Luis Felipe Ulloa Forero
João Macedo Moreira
Anderson Maciel Lima de Medeiros
Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima
Hallyson Alves Bezerra
Bergson Guedes Bezerra
Lindenberg Lucena da Silva

Instituto Nacional do Semiárido
Campina Grande - PB
2013

Governo do Brasil

Presidenta da República
Dilma Vana Rousseff

Vice-Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Ministro de Estado
Marco Antonio Raupp

Secretário Executivo
Luiz Antonio Rodrigues Elias

Subsecretário de Coordenação das Unidades de Pesquisa
Arquimedes Diógenes Ciloni

Instituto Nacional do Semiárido (INSA)

Diretor
Ignacio Hernán Salcedo

Diretor Substituto
Salomão de Sousa Medeiros

Coordenador de Pesquisa
Aldrin Martin Perez Marin

Coordenador de Administração
Vinícius Sampaio Duarte

Projeto Gráfico
Wedsley Oliveira de Melo

Coordenação do Projeto
Aldrin Martin Perez-Marin
Ana Paula Silva dos Santos

Elaboração e Editoração
Aldrin Martin Perez-Marin
Ana Paula Silva dos Santos
Luis Felipe Ulloa Forero
João Moreira Macedo
Anderson M. L. de Medeiros
Rosilene Cassiano S. A. de Lima
Hallyson Alves Bezerra
Bergson G. Bezerra
Lindenberg Lucena da Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

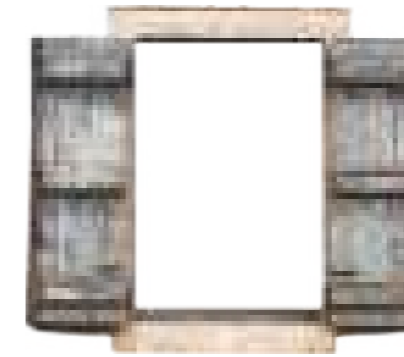
S471 O semiárido brasileiro: riquezas, diversidades e saberes / Aldrin Martin Perez -Marin, Ana Paula Silva dos Santos, coordenadores. – Campina Grande: INSA/MCTI, 2013. 73p. : il. (Coleção Reconhecendo o Semiárido, 1) ISBN: 978-85-64265-06-6
1. Clima semiárido - Brasil. 2. Semiárido - aspectos sociais e culturais. 3. Semiárido - aspectos econômicos. I. Perez-Marin, Aldrin Martin. II. Santos, Ana Paula Silva dos. IV. Instituto Nacional do Semiárido.

CDU: 551.58(213.52)(81)

ÍNDICE

- Introduzindo o diálogo	05
- O Semiárido brasileiro é um território com diversos climas, povos e regiões	07
- Clima Semiárido no Brasil	08
- Clima Semiárido na América Latina	10
- Clima Semiárido no Mundo	12
- Região Semiárida do Brasil	14
- Estados e municípios do Semiárido brasileiro	17
- O Semiárido brasileiro é formado por diversas regiões naturais	20
• O Agreste	22
• A Caatinga	24
• O Carrasco	26
• O Seridó	28
• As Serras	30
• Os Cariris	32
• Os Sertões	34
• O Curimataú	36
- O Semiárido tem história	38
• Colonização	39
• Indígenas no Semiárido brasileiro	40
• Palavras que são fruto das línguas indígenas e dos colonizadores	45
• Uma população de resistência e que constrói um futuro	49
- O Semiárido brasileiro é uma fonte de inspiração	53
- Exercícios	58
- O que faz o Instituto Nacional do Semiárido-Insa	61
- Quem são os autores	62
- Referências	64
- Apêndice	66

Iniciando o diálogo



(Re)construir juntos uma imagem do Semiárido brasileiro (SAB) não é tarefa simples. As imagens que são construídas e aceitas dão muitas vezes um sentido às nossas ações e determinam o que e como fazer.

Esta cartilha reúne ideias, conceitos, dados e informações sobre riquezas, diversidades e saberes no SAB, a partir de diferentes aspectos sociais, culturais, ambientais, apresentados em forma de textos e imagens, buscando ampliar nosso olhar sobre a região e (re)criar juntos uma imagem para a mesma. É a primeira publicação de uma série dedicada à sociedade, especialmente estudantes, profissionais, agricultores e agricultoras.

A pessoa mais importante neste diálogo é você. Somos todos corresponsáveis pelas transformações decorrentes de nossas atitudes; o que fazemos localmente, mais cedo ou mais tarde terá influência em outras partes do Brasil, da América Latina e do mundo.

Não conhecemos você, mas imaginamos que seja alguém que vive e sente o Semiárido, pratica ações para melhorar a vida dos habitantes da região ou se interessa por questões relacionadas à ela. Desejamos que essa cartilha contribua para gerar novos aprendizados, novas ideias e novas ações.

Boa leitura, bom diálogo, boa reflexão!



Raquel de Queiróz

Tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista e dramaturga. Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Paulo Freire

Um dos maiores intelectuais do século XX. Educador popular de referência para toda a América Latina e Caribe.

Ariano Suassuna

Escritor, teatrólogo, romancista, professor e advogado. Idealizador do movimento Armorial.



Celso Furtado

Advogado e doutorou-se em economia. Um dos mais destacados intelectuais do país ao longo do século XX. Suas obras ainda contribuem para pensar uma proposta alternativa de desenvolvimento.

Zabé da Loca

Artista popular brasileira. Sua arte: O Pífano

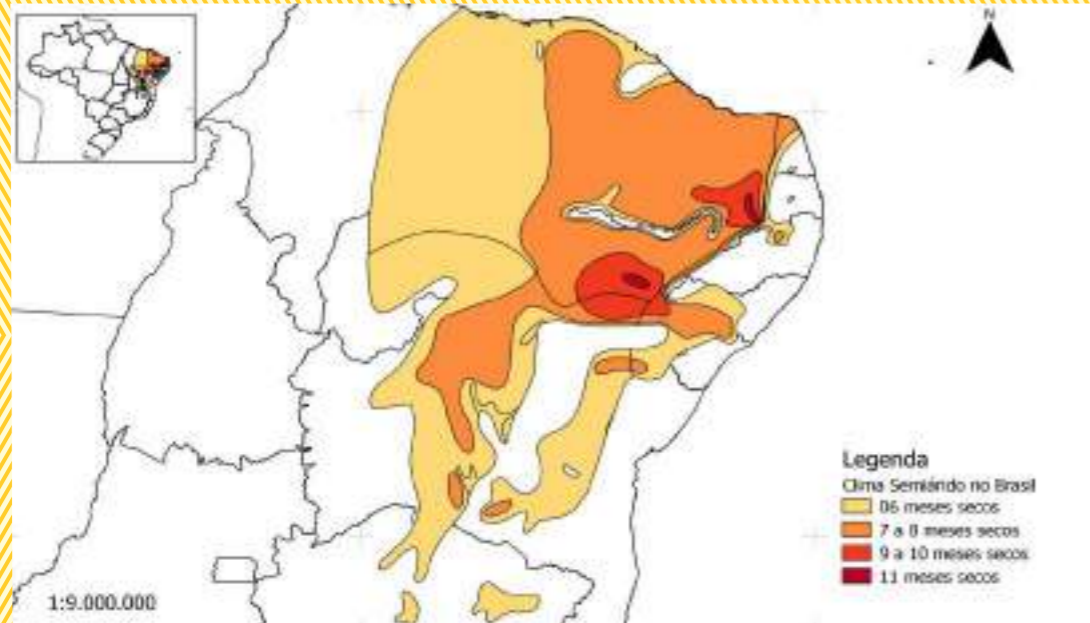
O SEMIÁRIDO BRASILEIRO É ANTES DE TUDO UM ESPAÇO, UM TERRITÓRIO COM DIVERSOS CLIMAS, POVOS E REGIÕES

O Semiárido não é apenas clima, vegetação, solo... Não se pode compreendê-lo de um só ângulo, conforme assinala o prof. Daniel Duarte Pereira. Para ampliar nosso olhar, um caminho importante é conhecer nossas riquezas, diversidades, práticas e saberes. Além disso, a memória e a identidade do Semiárido brasileiro (SAB) devem ser repensadas e valorizadas. As experiências e vivências do povo, no presente, guardam uma relação direta com o passado e são importantes para a construção de um futuro melhor e mais bonito.

Nessa região, vivem mais de 22 milhões de pessoas; mulheres, homens, crianças e jovens, que constroem cotidianamente a história desse espaço, seja na área rural ou urbana. São artistas, intelectuais, educadores, esportistas, produtores, ativistas dos direitos humanos, defensores da natureza e outros protagonistas, que, independente de terem nascido ou não em algum estado do Semiárido, de forma individual ou coletiva, buscam transformar as limitações em desafios e os desafios em oportunidades.

A imagem do SAB é constantemente (re)construída por todos nós, brasileiros das mais diferentes regiões do país, que juntos às pessoas da América Latina e de outras partes do mundo, buscam exercer sua cidadania e construir uma sociedade digna. Basta observar contribuições importantes como as de Raquel de Queiroz, Paulo Freire, Ariano Suassuna, Celso Furtado e Zabé da Loca.

O Clima Semiárido no Brasil



No Brasil, o termo Semiárido remete tanto ao Clima quanto a Região. Muita gente confunde Semiárido clima com Semiárido região, seca, estiagem, caatinga bioma, caatinga vegetação, nordeste e desertificação.

O termo “Clima Semiárido” é utilizado para delimitar áreas onde a quantidade de chuva que cai é menor que a quantidade de água que se evapora. No Brasil, verifica-se a ocorrência de quatro tipos diferentes de Clima Semiárido. São eles:

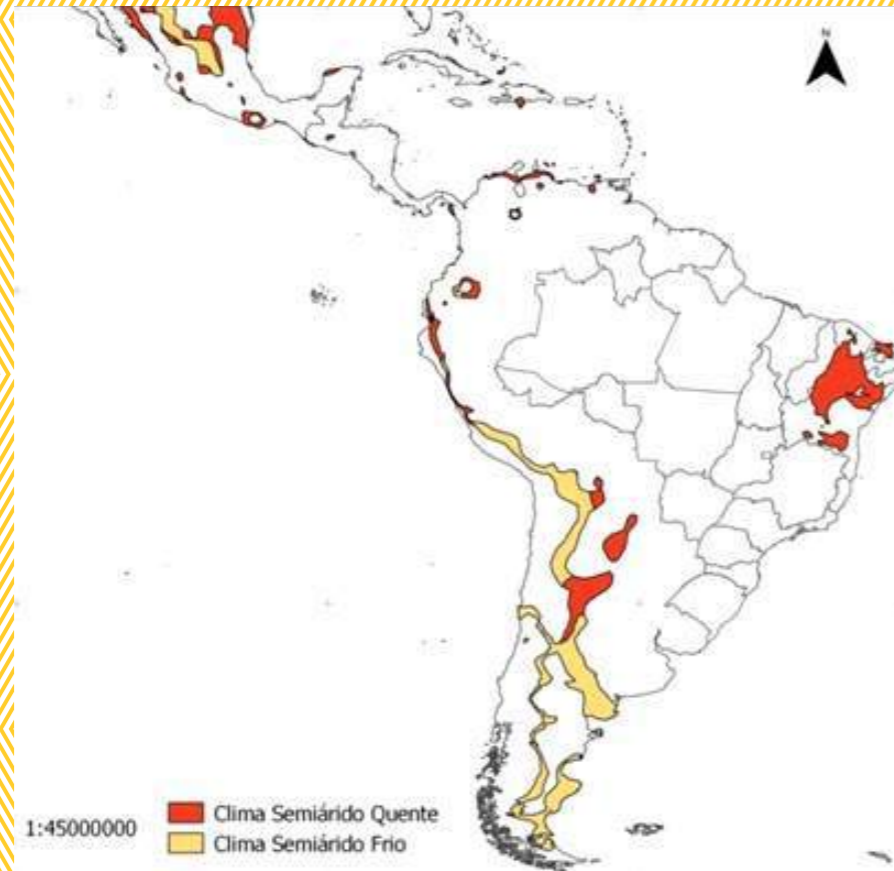
Clima Semiárido com 6 meses sem ocorrência de chuvas (6 meses secos): ocorre em todos os estados da região Nordeste, com maior incidência no Piauí e no leste do Maranhão. Esse tipo de clima ocorre também nas regiões de transição entre o semiárido e as zonas mais úmidas;

Clima Semiárido que se prolonga de 7 a 8 meses secos: predomina nos sertões do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe e Bahia, além de parte do sertão alagoano e piauiense;

Clima Semiárido que se prolonga de 9 a 10 meses secos: é encontrado nos sertões da Paraíba, parte do Rio Grande do Norte, nos sertões da Bahia e Pernambuco;

Clima Semiárido mais severo, com duração de 11 meses secos: ocorre na Paraíba e no Sertão baiano. No estado da Paraíba abrange parte do território dos municípios de Barra de São Miguel, Cabaceiras, Gurjão, Juazeirinho, São Domingos do Cariri, São João do Cariri, São Vicente do Seridó e Soledade, enquanto na Bahia abrange parte dos municípios de Abaré, Chorrochó, Macururé e Rodelas.

O Clima Semiárido na América Latina



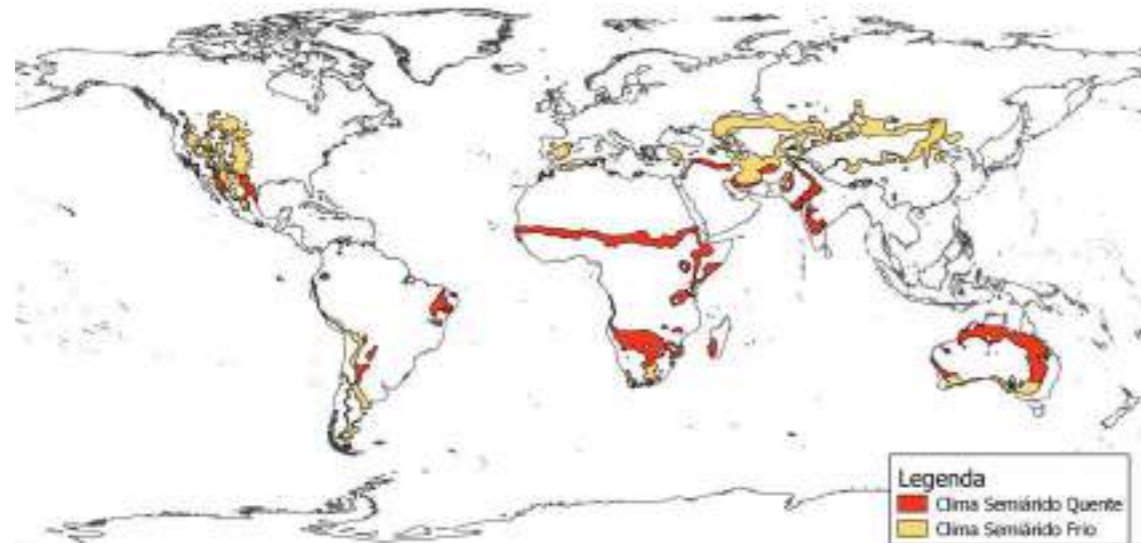
O Clima Semiárido não é exclusivo do Brasil. Na América Latina existem os climas Semiárido quente (áreas na cor vermelha) e frio (áreas na cor amarela). Observa-se que a maior área de **Clima Semiárido frio** encontra-se na porção mais ao sul do continente, nas regiões mais altas como no Deserto do Atacama, que se estende desde o Norte do Chile até a divisa com o Peru (totalizando aproximadamente 1.000 km de extensão), e na parte central e sul da Argentina. Quanto ao **Clima Semiárido quente**, a Região Nordeste do Brasil se destaca por ter a maior extensão territorial, mas ocorre também na parte central da Argentina.

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

A América Latina é um espaço geográfico que engloba países do Caribe, América Central e América do Sul: BRASIL, Argentina, Venezuela, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Jamaica, Suriname, Barbados, Belize, Martinica, Porto Rico, São Martinho, São Pedro, Miquelão, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai.

Nessa região prevalecem importantes pautas culturais comuns, que nos vinculam e podem nos vincular ainda mais em aspectos antropológicos, sociais, políticos e que se diferenciam das práticas das nações Anglo-Saxônicas (aquelas situadas nas Américas e que tem, entre outras especificidades, o inglês como idioma oficial).

O Clima Semiárido no Mundo



No mundo também há dois diferentes tipos de Clima Semiárido:

O **Clima Semiárido Quente** (áreas na cor vermelha) ocorre em todos os continentes, com exceção da Europa, sendo que maiores áreas de abrangência encontra-se na África e na Austrália.

E o **Clima Semiárido Frio** (áreas na cor amarela) é observado em todos os continentes, com maior ocorrência na Ásia.

A Região Semiárida no Brasil

Extensão territorial:
980.133,079 km² (12% do país)

Municípios:
1.135 (20,40% do país)

População:
22.598.318 habitantes
(11,85% do país)

Urbana: 62%
Rural: 38%



Marco Legal

A Região do Semiárido brasileiro (SAB) é uma delimitação geográfica do território nacional, oficialmente definida em 2005 pelo Ministério da Integração Nacional (MIN), através da Portaria nº 89, para fins administrativos. Neste documento, o Semiárido corresponde a um conjunto de municípios que atende a, pelo menos, um dos critérios abaixo:

- 1. Precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros;**
- 2. Índice de aridez de até 0,5** calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961 e 1990;
- 3. Risco de seca** ou prolongamento da estação seca, de um ano para outro, **maior que 60%**, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990.

Com base nesses critérios, o SAB apresenta uma área territorial de **980.133,07 km²**, **abrange 1.135 municípios**, destes, **1.050** estão situados em **8** estados do Nordeste (**Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe**) e os demais **85** municípios pertencem a **Minas Gerais**, região Sudeste do Brasil.

O que é...

Precipitação pluviométrica: É o volume de chuva acumulado durante um certo período de tempo.

Índice de aridez: é um índice indicativo da intensidade da aridez de uma região, proposto pela UNESCO (1979). Consiste na razão entre a Precipitação Pluviométrica e a Evapotranspiração Potencial. De acordo com os critérios estabelecidos por Thornthwaite (1941) e ajustado por Penman (1953), apresentamos no quadro abaixo a classificação climática (baseada neste índice):

Classe Climática	Índice de Aridez
Hiper-árido	< 0,05
Árido	0,03 – 0,2
Semiárido	0,21 – 0,5
Subúmido seco	0,51 – 0,65
Subúmido e úmido	> 0,65

Risco de seca: É a vulnerabilidade do Semiárido quanto ao prolongamento da estação seca para longos períodos que podem durar anos.

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

A **ESTIAGEM** é um período no qual não ocorre a quantidade de chuva esperada. No Semiárido é um processo natural e acontece todos os anos, geralmente de junho a dezembro. Nessa época, os níveis das águas dos rios baixam completamente.

A **SECA** é o despreparo frente à **ESTIAGEM**, causando o seu prolongamento. Provoca grandes prejuízos sociais, econômicos e ambientais. Os setores mais prejudicados com a seca são a agropecuária e a oferta de água de boa qualidade para o consumo humano.

Estados e Municípios do Semiárido brasileiro


Estados	Número de municípios por estado	Número de municípios no Semiárido por estado	Área (Km ²) dos municípios no Semiárido por estado	Número de habitantes no Semiárido por estado
Alagoas	102	38	12.579.185	900.549
Bahia	417	266	391.485.078	6.740.697
Ceará	184	150	129.178.779	4.724.705
Paraíba	223	170	48.676.947	2.092.400
Pernambuco	185	122	85.979.387	3.655.822
Piauí	224	128	149.463.382	1.045.547
Rio Grande do Norte	167	147	49.097.482	1.764.735
Sergipe	75	29	11.105.591	441.474
Minas Gerais	853	85	102.567.248	1.232.389
TOTAL	2.430	1.135	980.133.079	22.598.318

Mapa do Brasil destacando o Semiárido brasileiro



Imagem de Satélite do Semiárido brasileiro





O Semiárido brasileiro é formado por diversas regiões naturais

O Semiárido brasileiro é formado por diversas regiões naturais

O Semiárido brasileiro (SAB) possui diversas áreas naturais que são compostas por topografias, solos, precipitações pluviométricas e pluriatividades distintas. Isso afasta em definitivo o mito de paisagem homogênea, monótona e pouca riqueza biológica, ideias que foram difundidas por séculos.

A soma das diferentes coberturas vegetais existentes, quanto à diversidade florística, faz o SAB ser superior comparativamente a outras regiões semiáridas do mundo. Compilações de estudos florísticos na região Nordeste apontam para cerca de 5.000 espécies vegetais distribuídas em pelo menos 150 famílias botânicas. Essa heterogeneidade paisagística inicialmente enxergada por poucos, fez surgir ao longo do tempo propostas de classificação ou divisão espacial do Semiárido, baseado em fatores físicos e na cobertura vegetal.

Uma classificação oportuna é a de Guimarães Duque (2004) que ao caracterizar as regiões naturais do Nordeste brasileiro, aponta para a existência de oito delas no SAB: **Caatinga, Agreste, Carrasco, Seridó, Cariris-Velhos, Curimataú, Serras e Sertão**. Baseando-se nessa divisão, veremos alguns aspectos próprios ou típicos de cada uma delas.

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

A vegetação típica das zonas fisiográficas **Carrasco, Caatinga, Seridó, Cariris-Velho, Curimataú e Sertão** se expressa pelas características de hiperxerófilas. Já a vegetação do **Agreste** e das **Serras** se apresentam com as características de hipoxerófilas. Estão dentro do bioma Caatinga todas essas regiões naturais descritas acima.

A Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro. Engloba os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Maranhão, Sergipe e parte do norte de Minas Gerais. Possui uma área de 850.000 km², aproximadamente 10% do território nacional.

Denomina-se Caatinga pela aparência que a floresta revela durante a estação seca, quando a quase totalidade das plantas está sem folhas, com os troncos esbranquiçados e presença de espinhos. Uma característica notável da Caatinga é a sua alta resistência à seca.

Notas:

Hiperxerófilas = São as espécies vegetais que vivem em ambientes com poucas condições de umidade e que perdem todas as suas folhas logo que termina o período das chuvas.

Hipoxerófilas = São boa parte das espécies que vivem nesse ambiente e que permanecem com parte de suas folhas mesmo em grande do período seco.

O Agreste

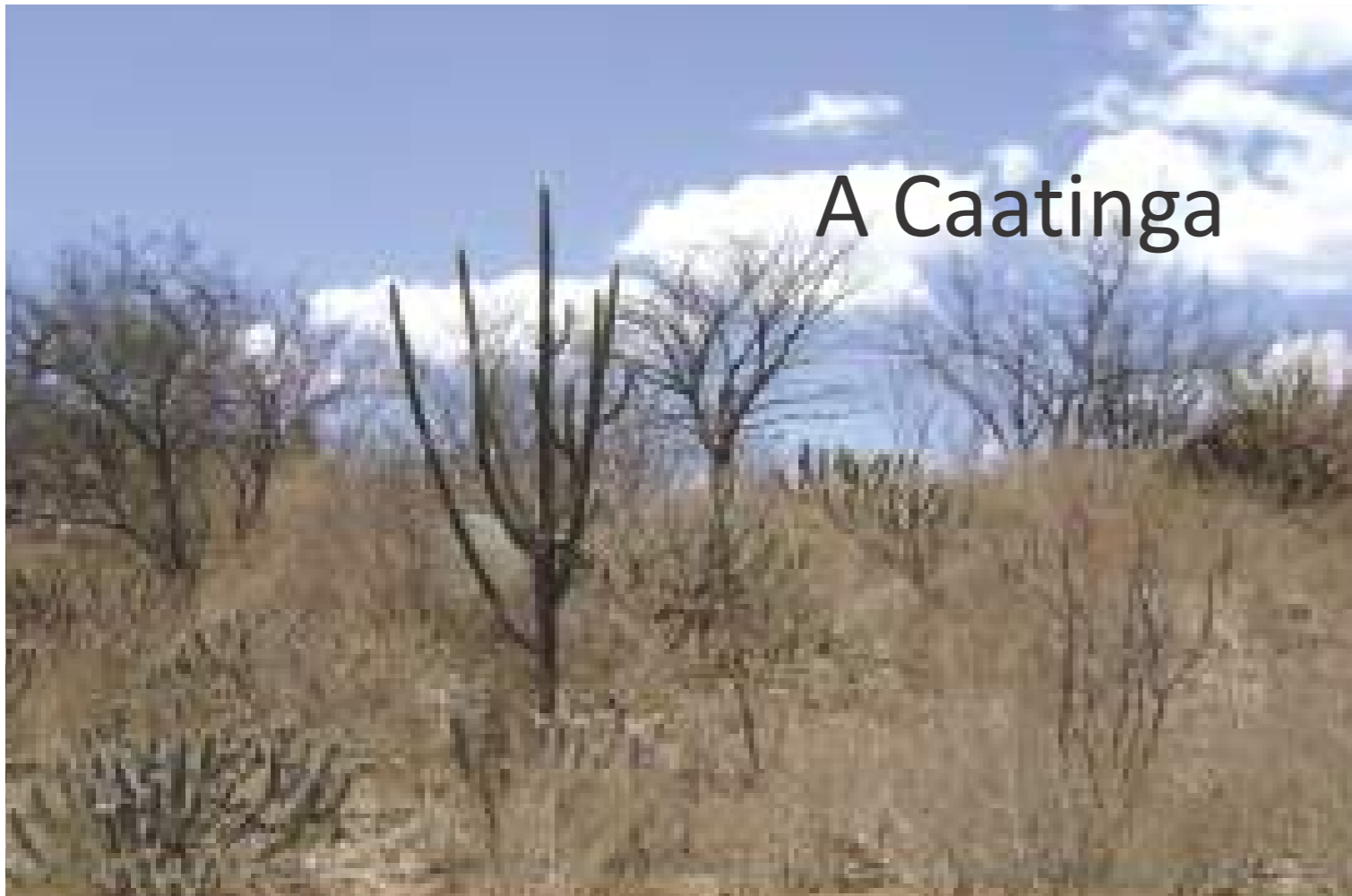


O Agreste é uma região intermediária entre uma área úmida e outra seca, constituindo-se numa faixa de transição entre a Zona da Mata, o Brejo e o Sertão.

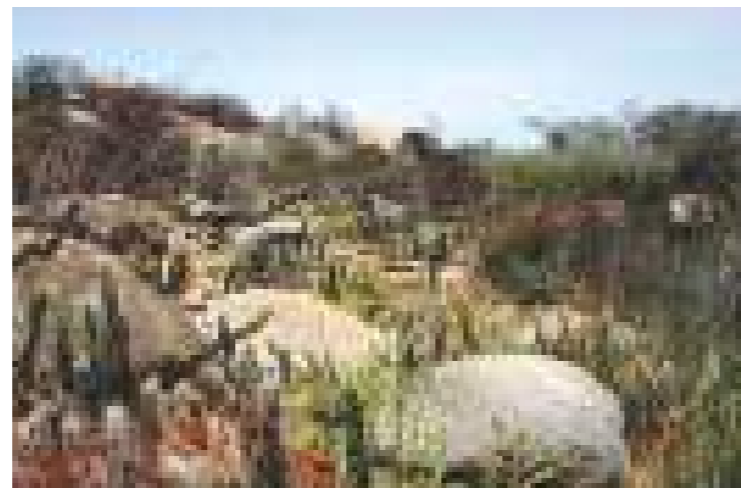
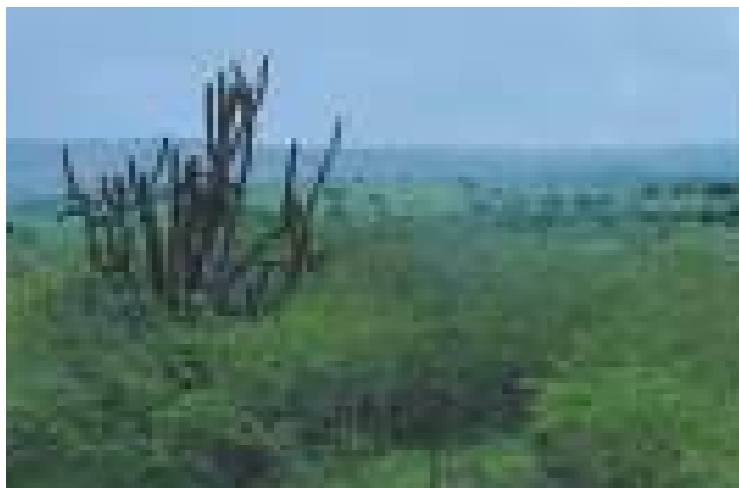
A distribuição das chuvas nessa região ocorre de janeiro a agosto, variando de 500 a 1.000 mm anuais. Dessa forma, a paisagem verde do agreste se prolonga por mais tempo que na caatinga. A umidade é mais perceptível à noite quando, não raro, observa-se o orvalho. Essas características favorecem o cultivo de milho, feijão, cereais em geral, e muito contribui para a alimentação das populações nordestinas.

A vegetação é a principal diferenciadora do agreste, que permanece com folhas durante mais tempo no verão; nem todas as folhas são caducas. Recupera com facilidade a sua vestimenta arbóreo-arbustiva quando agredida pelo desmatamento. A cobertura florestal é lenhosa mista, porém não tão densa nem tão espinhosa quanto à da caatinga.

A proporção de árvores é maior do que a de arbustos e o largo distanciamento facilita a penetração de luz e a expansão das copas em todas as direções. As espécies vegetais mais abundantes são: Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), Pau-d'arco-roxo (*Tabebuia impetiginosa*), Araticum (*Anona coriácea*), Ingazeira (*Inga marginata*), Peroba (*Aspidosperma gardneri*) e Flor-de-caboclo (*Calliandre umbelli-flora*). Nota-se, também, a forte concentração da agricultura familiar na área rural.



A Caatinga



A Caatinga é uma região (fisiográfica) que apresenta clima quente e seco durante o dia e fresco durante a noite. As chuvas nesta região podem variar anualmente entre 200 mm e 1.000 mm, com distribuição de janeiro a maio.

A vegetação se apresenta em grupos de árvores e arbustos espontâneos, densos, baixos, leitosos, de aspecto seco, dotados de espinho, de folhas pequenas e caducas no período seco, que protegem a planta contra a desidratação pelo calor e pelo vento. As plantas típicas são a Jurema Preta (*Mimosa tenuiflora*), Barriguda (*Ceiba glaziovii* (Kuntze) K.Schum.), Mandacaru (*Cereus mandacaru*), Pau-de-rato (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.), Embiraçu (*Bombax pubescens*), Icó (Capparis yco Mart. ex Eichler), Faveiro (*Dimorphandra gardneriana* Tul.), Pau-ferro (*Caesalpinia férrea*). O “Facheiro” (*Pilosocereus pachycladus* F.Ritter) predomina as caatingas altas, frescas à noite, produtoras de caroá (*Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez.) e de palma forrageira (*Opuntia* sp.)

A interação da vegetação com o solo e a atmosfera é muito intensa. Por exemplo, a união densa e fechada de catingueiras (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.), acácias, umbuzeiros (*Spondias tuberosa* Arruda), maniçobas (*Manihot glaziovii* Mull.Arg.), macambiras (*Encholirium spectabile* Mart. ex Schult.f.), cactáceas e pereiros (*Aspidosperma pyrifolium* Mart.), protegem o solo no período chuvoso com sua folhagem verde, já no período seco cobre-o com uma camada de folhas fenadas, onde uma parte serve de alimento para os animais (bovino, caprino e ovino) e o restante para adubar o solo.

Durante a noite a temperatura é baixa, as plantas absorvem a umidade do ar e a terra seca lhes nega água forçando-as ao repouso. Quando a vegetação é cortada, queimada e cultivada quebra-se essa harmonia e inicia-se o processo de desgaste e degradação da terra (solo), formando com o passar do tempo as áreas chamadas “desertificadas”.

Hoje em dia resta pouco da vegetação original na região da Caatinga, o que observamos é uma amostra, um vestígio do que foi a “floresta seca”.

Nota:

Fisiográfica: É uma vasta área de região semiárida com definições semelhantes e características próprias e únicas, não se encontrada em nenhuma outra região.

O Carrasco



Carrasco significa caminho pedregoso. Mata anã, de arbustos duros e esguios, de altura raramente superior a um metro. A região está situada entre 700 a 900 metros de altitude, nos limites do Ceará com o Piauí, na encosta do planalto de Ibiapaba e Chapada do Araripe.

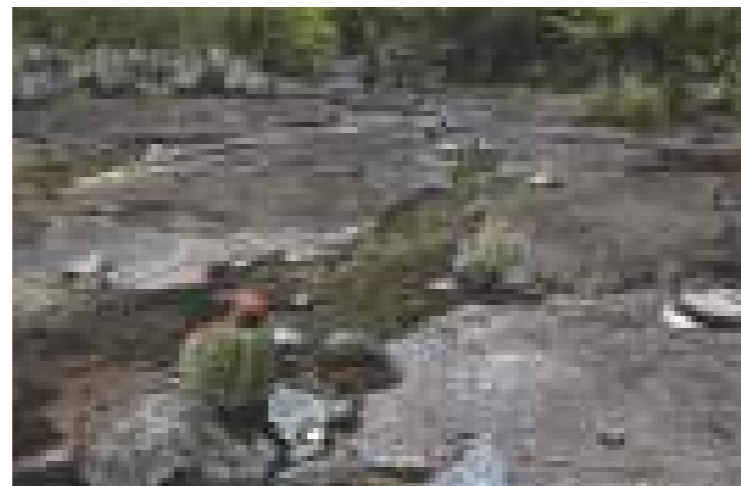
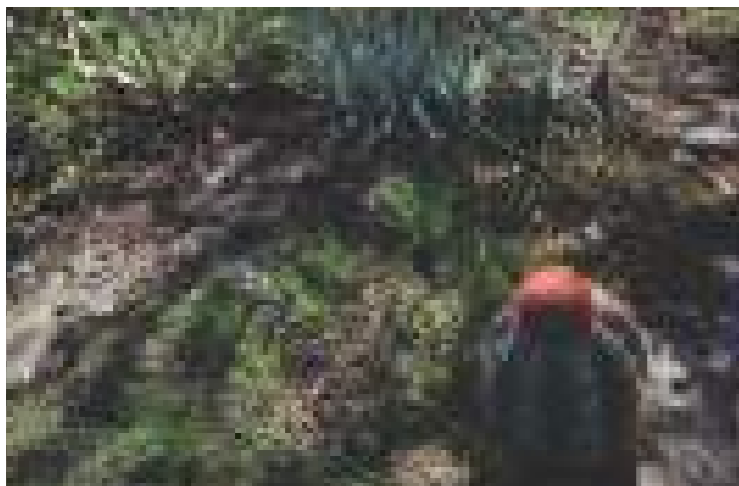
A estação chuvosa vai de março a maio, resultante dos ventos que sobem o paredão da Ibiapaba, que ao resfriar-se causam as chuvas na faixa úmida e estreita de Viçosa até São Benedito, no Ceará. A estação seca é longa e ensolarada, mas as noites são frescas.

O carrasco distingue-se ainda da Região da Caatinga pela quase inexistência de cactos e bromeliáceas. Alguns se referem a essa vegetação como uma espécie de transição entre o cerrado, a floresta tropical e a caatinga. As espécies vegetais mais constantes do Carrasco são: marmeleiro (*Cydonia oblonga*), jiquiri (*Sapindus saponaria*), jurubeba (*Solano paniculatum*), alecrim (*Lantana microphila*) e canela de veado (*galipea jasminiflora*).

Os solos são arenosos, profundos, com baixa capacidade de retenção de água e extremamente ácidos. No perfil do solo explorável pelas raízes, a carência hídrica, típica do carrasco, não indica o aproveitamento para lavoura.

Na classificação das regiões ecológicas para exploração agrícola, o Carrasco figuraria como área de proteção. Essa região é pouco habitada; há alguns moradores nas margens dos rios e dos riachos.

O Seridó



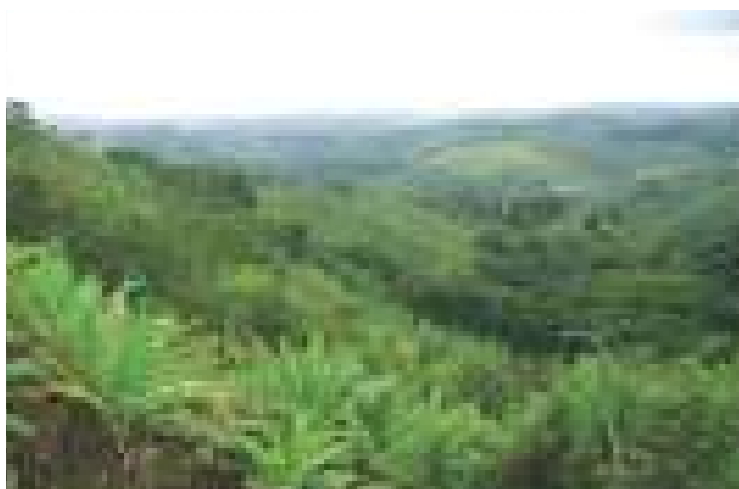
É uma região interestadual, oriunda da antiga região da "Ribeira do Seridó", abrange a maior parte do Estado do Rio Grande do Norte e pequena parte do território da Paraíba. Está oficialmente dividida pelo IBGE nas seguintes subdivisões: Seridó Ocidental Potiguar, Seridó Oriental Potiguar, Seridó Ocidental Paraibano, Seridó Oriental Paraibano.

Além de ser a região mais erodida do Nordeste (já não existe solo nas colinas), as árvores e os arbustos se localizam muito distanciados pela dificuldade de enraizamento. O Seridó é o *habitat* do algodão mocó (*Gossypium hirsutum* L. var. *marie galante*. *Hutch.*) e, dentre as regiões naturais do Semiárido brasileiro, é a que mais se assemelha à savana de outros países: coberto de capins, com árvores e arbustos largamente distanciados e topografia quase plana.

Possui maior presença de arbustos do que árvores, tendo como espécie vegetal abundante o Faveleiro, o Umbuzeiro, a Maniçoba, o Pinhão-bravo, além de algumas espécies como o Pereiro (*Aspidosperma pyriforme*) e a Jurema-branca (*Pithecellobium foliolosum*).

A vegetação espontânea é composta por capins, que cobrem o solo no inverno, desaparecendo no verão, associados com a jurema (*Mimosa verrucosa*, Benth), o pinhão bravo (*Jatropha Pohlana*, Muell), o pereiro (*Aspidosperma pyriforme*), o xiquexique (*Cereus Gounellei*, K. Schum) e a faveleira (*Cnidocolus phyllacanthus*, Pax e Koffm).

As Serras



As Serras são elevações situadas no interior do Semiárido podendo superar 1.000 m de altitude. Existem Serras secas e úmidas conforme a posição em relação aos ventos.

As Serras úmidas, normalmente, são revestidas por vegetação de porte arbóreo e por se apresentarem sempre verde em meio a uma paisagem habitualmente seca, foram apelidadas de ilhas de floresta úmida ou Brejos.

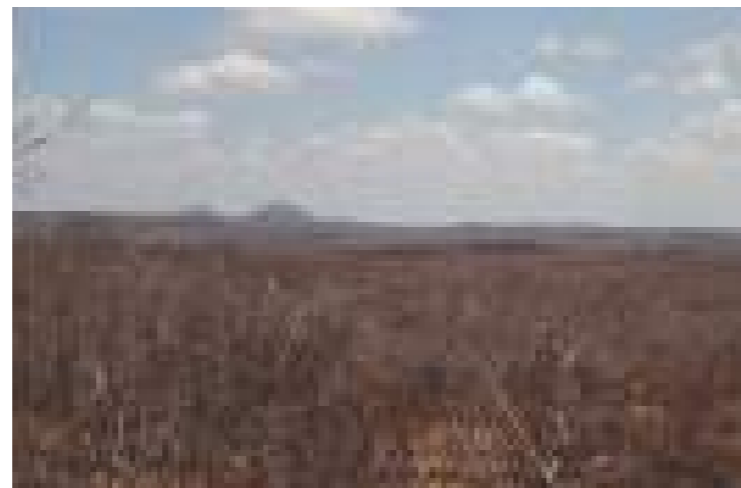
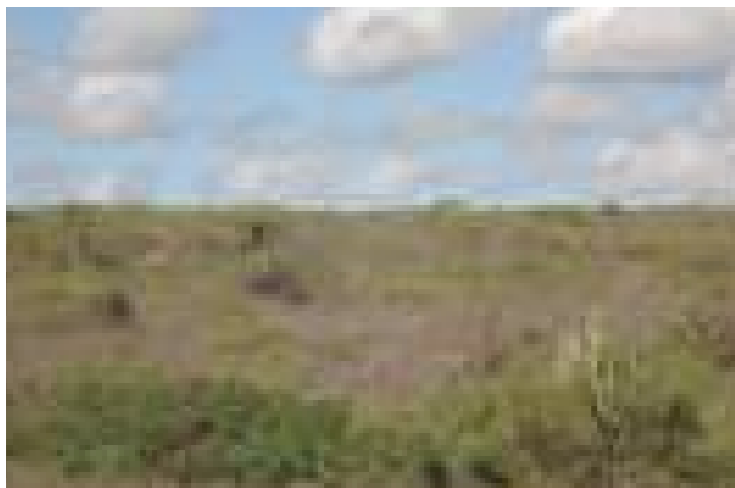
Geralmente, o ambiente físico dessa região é constituído por rochas cristalinas, terrenos exibindo feições variadas e solos do tipo argissolos vermelho-amarelos distróficos, entre outros. A temperatura média anual gira em torno de 24° C, com pluviosidade regularmente distribuída.

Esta região tem papel determinante nos microclimas regionais. Assim observa-se que a Serra de Ibiapaba ou Serra Grande contribui diretamente para formar o Sertão, a Caatinga (subida da serra), a Serra úmida (Tianguá), o Carrasco seco (até o pé da Serra), o Agreste (até Piracuruca) e a mata (até Porto). De forma similar ocorre com Maciço ou Planalto da Borborema.

As espécies encontradas na região são variadas, mas predominam o mulungu (*Erythrina velutina* Willd.), o cedro (*Cedrela odorata* L.), o ingá (*Inga edullis*) e o pau-d'álho (*Gallesia gorazema*).



Os Cariris



O nome desta região se deu em função do grupo indígena Cariri que ocupava parte do território da Paraíba. Nas grandes secas esse grupo migrava para outras terras com clima mais úmido, como é o caso das terras do sul do Ceará, formando aí um novo território. Assim, surgiram duas divisões distintas dos Cariris: os Cariris Velhos, localizado na Paraíba, sobre as ondulações do Planalto da Borborema, e os Cariris Novos, localizado no Ceará, no sopé da Serra do Araripe.

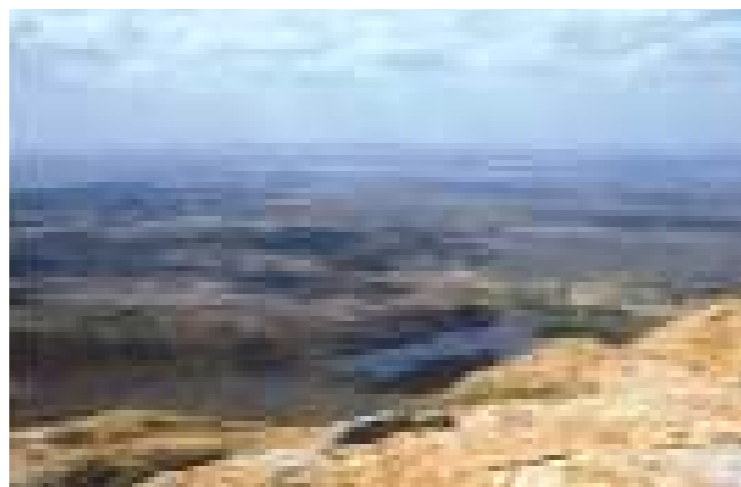
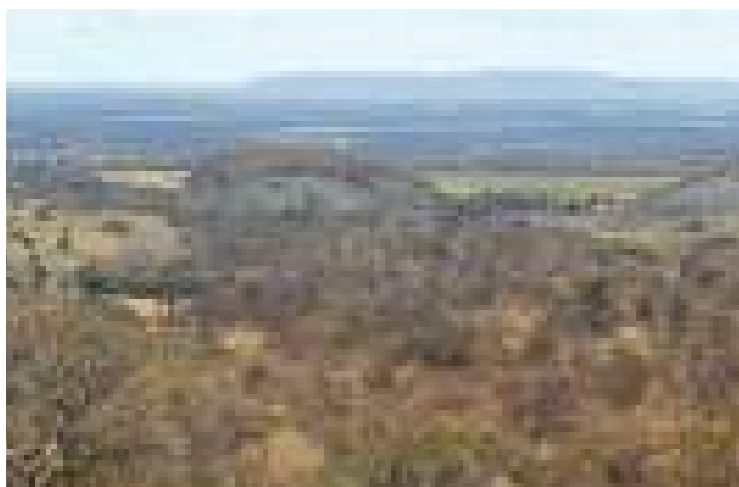
Os **Cariris Velhos** é uma caatinga alta, composta de espécies espinhentas, de pequeno porte, de caules duros (exceto as cactáceas), unidas, densas ou fechadas, onde o chão é coberto de macambiras, caroás e *tillandsia*, entremeadas de arbustos lenhosos e retorcidos, e árvores típicas como Umbuzeiro (*Spondia tuberosa*), cardeiro (*Cereus jamacaru* DC.), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.) e quixabeira. Os ventos vindos do mar são forçados a subir o paredão da serra da borborema, resfriam e fazem chover no brejo (mata). Passam sobre o cariri já seco, o que causa, em parte, a deficiência das precipitações, no relevo mais ou menos chato. As chuvas incertas, ora em forma de neblinas, ora de aguaceiros, não têm mês para começar ou terminar nesta região. Mas em geral as chuvas ocorrem nos meses de março e abril. É a zona de predileção das cactáceas, devido a umidade do ar noturno. O umbuzeiro é uma árvore que sobrevive num ambiente seco, por isso aparece muito nos Cariris Velhos. As lavouras capazes de produzir safras compensadoras são agave, sorgo e palma forrageira. A palma é a maior base de alimentação do gado.

Os **Cariris Novos** ou Cariri cearense é um oásis, o verde no coração do Semiárido nordestino, um dos berços do processo civilizatório sertanejo e grande caldeirão das culturas e etnias do Nordeste. Apesar de ser uma terra de farturas, sua história revela a tragédia do processo civilizatório sertanejo no destino de um povo - o Cariri (Kariri ou Quiriri).

Constitui o Cariri cearense a zona fértil que se estende ao sopé da Serra do Araripe, numa extensão de cerca de 200 quilômetros, com largura irregular, a qual é banhada por nascentes como o Caldas em Barbalha, Grangeiro e Batateira no Crato, que formam as nascentes do Rio Salgado, e por inúmeros olhos d'água, alimentos da agricultura, de cuja exuberância só tem podido ser bem avaliada em anos de seca.

A Chapada do Araripe proporciona terras férteis e um manancial de águas que, se não ficavam totalmente imunes ao problema da seca, constituíam-se em reserva importante da continuidade da produção agrária cearense. Isso despertava a disputa violenta pelas terras.

Os Sertões

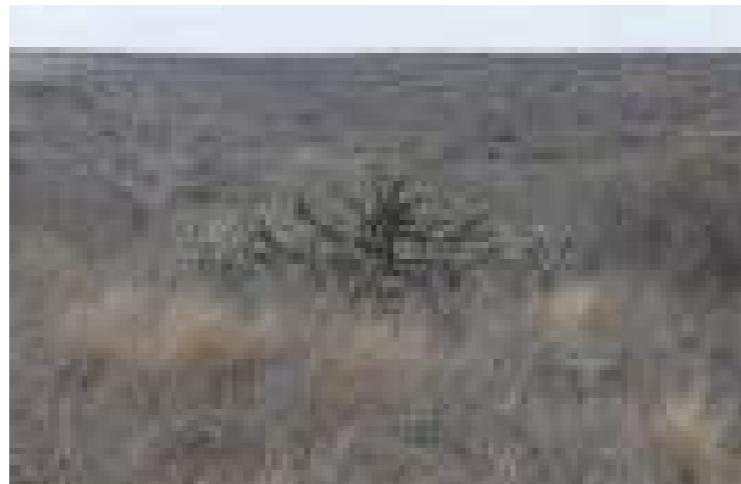


A palavra Sertão teve origem durante a colonização do Brasil pelos portugueses, que ao perceberem a diferença climática entre este e o litoral Nordestino, chamaram o novo espaço de “desertão”. Logo, a palavra foi entendida como “de sertão”, ficando, por fim, apenas Sertão. Essa região faz limite com a Caatinga e o Seridó, não tendo contato com o Agreste ou com a mata.

Os solos são predominantemente amarelo ou vermelho, compacto e raso, parcialmente coberto de seixos rolados. A vegetação típica varia de acordo com as características dos solos, desde os aluviões de baixios aos altos secos das colinas. Os solos de aluviões do Sertão são os solos mais férteis e menos secos do Semiárido. Nesses solos há uma intensa atividade agrícola onde são produzidos principalmente milho, feijão e arroz.

Por ser esta vegetação muito heterogênea, encontram-se árvores e arbustos como: Oiticica (*Litania rígida*), carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore), juazeiro (*ziziphus joazeiro*), canafistula (*Senna spectabilis* (DC.) H.S.Irwin & Barneby), angico de caroço (*anadenanthera colubrina*), pinhão manso (*Jatropha curcas* L), jurema preta (*mimosa tenuiflora*), mata-pasto (*Senna obtusifolia* (L.) H.S.Irwin & Barneby) e pereiro (*aspidosperma pirifolium*), algumas cactáceas e forrageiras anuais, além de plantas efêmeras (plantas herbáceas de ciclo vegetal muito curto, que em geral coincide com a duração da estação chuvosa).

O Curimataú



A região natural do Curimataú está situada na parte leste do Planalto da Borborema, no Estado da Paraíba, limitando-se com a Mata, o Agreste e a Caatinga. A altitude média varia de 300 a 600 m.

O clima é caracterizado pela presença de ar seco na maior parte do ano, com precipitações escassas no inverno. Um dos principais fatores que propicia a predominância de ar seco na região é o efeito orográfico (Quando uma massa de ar encontra uma encosta ela começa a subir. À medida que sobe, a massa de ar se resfria e se transforma em chuva). Isto é, os ventos úmidos vindos do oceano ao atingirem a Serra da Borborema, são forçados para cima. Durante esse processo ocorre um resfriamento natural e a umidade trazida se condensa e precipita (chove) quase toda a sua totalidade na região da Mata, no Brejo Paraibano. A distribuição das chuvas nessa região se dá de janeiro a maio.

Na fase rápida das chuvas a vegetação fica verde, no verão perde as folhas e predomina as espécies xerófilas (plantas sem folhas), cuja condição natural ocorre para economizar a pouca presença de água no solo arenoso. Quanto às lavouras, verifica-se que são limitadas ao agave, palma forrageira, milho e feijão. A atividade mais praticada no Curimataú é a produção animal (bovino, caprino e ovino).

Nota:

Xerófilas: Essas plantas adaptadas à aridez (mandacaru, xiquexique, faveiro), elas possuem folhas atrofiadas, caules grossos e raízes profundas para suportar o longo período de estiagem.

O Semiárido tem história

Colonização

Segundo a professora Juciene Ricarte Apolinário, a colonização portuguesa no Brasil, e em especial no SAB, provocou mudanças significativas na biodiversidade e nas relações socioeconômicas, através do processo de implantação de sistemas econômicos e sociais com características externas e internas, amparados nos interesses mercantilistas de base escravista. Conseqüentemente ocorreram lutas e resistências entre povos indígenas e portugueses, assim como entre homens e mulheres negras.

A conquista e a manutenção da posse da terra e de suas riquezas naturais por parte dos colonos e da Coroa portuguesa resultaram em diferentes práticas e relações sociais, ambientais e culturais em toda a região denominada de “Sertão”.

Na fase de ocupação do SAB pelos luso-brasileiros (brasileiros com origem portuguesa ou português com origem brasileira) foram construídos os grandes currais para criação de gado junto às terras mais férteis para pastagem. Instalados desde o final dos anos 1500 (século XVI), os primeiros currais se multiplicaram nos anos 1700 (século XVIII) e deram rumo para toda a ocupação colonial portuguesa posterior.

Indígenas no Semiárido brasileiro

Muitos grupos étnicos já habitavam a região, antes mesmo da chegada dos colonizadores. Através das fontes históricas é possível destacar alguns povos indígenas como: Kariri, Pipipã, Tuxá, Truká, Umã, Atikum, Paiakú, Panatí, Xukurú, Ariú, Janduí (estes últimos povos Tarairiú), Akroá, Gamela, Timbira e outros. As práticas culturais desses grupos indígenas eram complexas e diferentes entre si, uns mantinham suas organizações étnicas nas suas terras tradicionais, onde desenvolviam agriculturas de subsistência, outros, dos grupos Jê, pouco conheciam da agricultura, viviam como seminômades e tinham formas próprias de organização social e política.



Povo indígena Xukurú, município de Alagoinha, Pernambuco.



Povo indígena Tuxá, município de Inajá, Pernambuco.



Povo Pataxó, Bahia.



Chucalho indígena, Kiriri, município de Banzaê, Bahia.

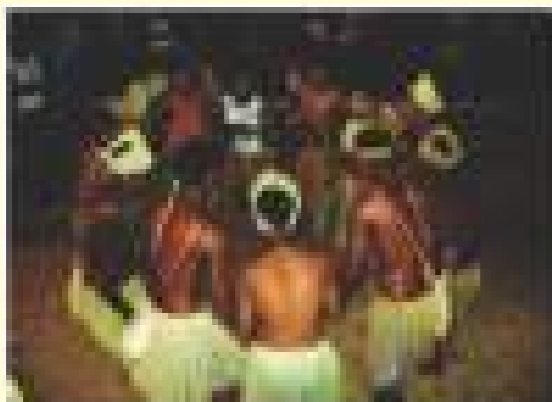




Ritual do flechamento do Imbu dos índios Karuzá, Pariconha/AL.



Cerâmica indígena Kiriri, município de Banzaê, Bahia.



Etnia Kaibé – Município de Euclides da Cunha/BA.



O Toré dança coletiva da etnia Tapeba – Caucaia/CE.



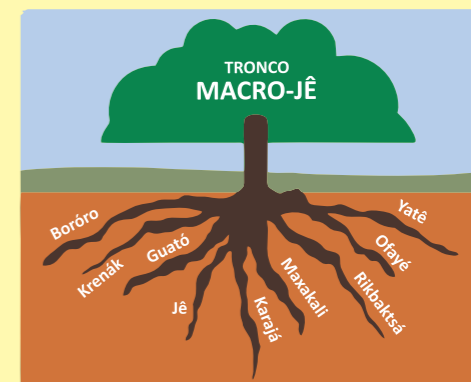
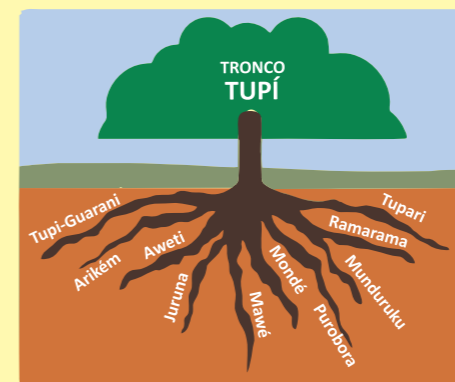
ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

Ao falarmos de línguas indígenas, pensamos logo que todos os povos falam Tupi. Isso não é verdade. O Tupi é um tronco linguístico e não uma língua. Esta confusão acontece porque muitas palavras do vocabulário brasileiro têm origem nas línguas da família Tupi-Guarani.

O **tronco linguístico** é um conjunto de línguas que têm a mesma origem. Essa origem é uma outra língua mais antiga, já extinta, isto é, que não é mais falada. Como essa língua de origem existiu há milhares de anos, as semelhanças entre todas as línguas que vieram dela são muito difíceis de ser percebidas.

A **família linguística** é um conjunto composto por línguas que se diferenciaram há menos tempo. Veja o exemplo do Português. Além disso, no Brasil existe mais de 180 línguas e dialetos indígenas. Você imaginava que eram tantas assim?

No Brasil, existem dois grandes troncos, o **Macro-Jê** e o **Tupi**. Dentro do tronco Tupi existem 10 famílias linguísticas e no Macro-Jê, 9 famílias. Veja as figuras abaixo:



Troncos Linguísticos.

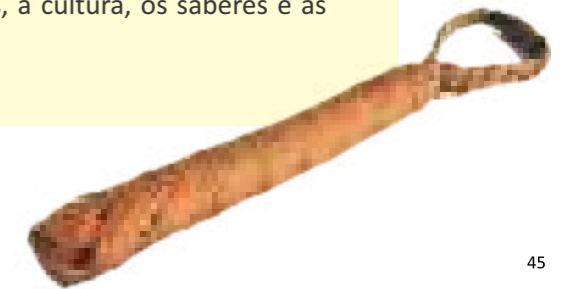
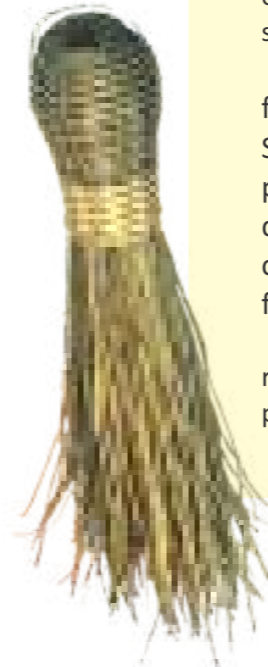
Palavras que são fruto das línguas indígenas e dos colonizadores

O professor Daniel Duarte Pereira nos ensina que no Semiárido Brasileiro existem algumas palavras interessantes, fruto das línguas indígenas e dos colonizadores. A palavra SERTÃO, por exemplo, parece ser uma abreviatura de DESERTÃO. Esta palavra era muito usada no início da colonização do Brasil para indicar lugares desabitados. Hoje é muito utilizado para definir lugares mais secos ou terras mais secas. Regionalmente teríamos o Sertão dos Inhamuns, o Sertão de Crateús e o Sertão do Quixeramobim no Ceará; o Sertão do Pajeú, o Sertão do Moxotó e o Sertão do São Francisco no Pernambuco; o Sertão dos Cariri Velho, o Sertão do Curimataú e o Sertão do Piancó na Paraíba; e o Sertão do Seridó no Rio Grande do Norte.

Curiosamente, nas línguas da família Tupi-Guarani, que durante décadas foi falada pelos colonizadores, num momento histórico denominado Brasil Colonial, já existia uma palavra indígena (*por-poy-eyma*) que se referia a lugares desabitados, terra seca, sem moradores, terra sem gente, desocupada, terra de difícil plantio.

Durante o processo de colonização, muitos indígenas que viviam no litoral foram obrigados a ocupar outras regiões, incluindo ao que hoje denomina-se Semiárido. Estes povos contribuíram a partir do conhecimento tradicional não só para denominar plantas, animais ou acidentes geográficos, mas também com o desenvolvimento de práticas importantes ainda hoje utilizadas por nós, como é o caso das ervas medicinais. Vale salientar, que os colonizadores se apropriaram de forma indiscriminada desse conhecimento.

Nos dias atuais, na região Semiárida existem apenas populações indígenas remanescentes. É preciso resgatar e valorizar as memórias, a cultura, os saberes e as práticas desses povos.



Vejam os alguns exemplos comuns de muitas palavras que usamos até hoje na língua portuguesa que são herança cultural dos povos indígenas:

Palavra em Português	Significado em Português	Palavra Indígena	Significado da palavra Indígena
<i>Caatinga</i>	Região árida no Nordeste brasileiro	<i>Ka'átínga</i>	<i>Mata branca</i>
<i>Pixaím</i>	Cabelo, crespo	<i>Apixa'im</i>	<i>Crespo, enrugado</i>
<i>Socar</i>	Bater, pilar	<i>Sók</i>	<i>Pilar, bater com ponta</i>
<i>Cutucar</i>	<i>Tocar em outra pessoa para chamar-lhe atenção</i>	<i>Kutúk</i>	<i>Tocar com objeto pontiagudo, ferir</i>
<i>Pipoca</i>	<i>Grão de milho estourado</i>	<i>Pípóka</i>	<i>Pele estourada</i>
<i>Capim</i>	<i>Mato</i>	<i>Kapi'í</i>	<i>Erva</i>
<i>Tocaia</i>	<i>Vigia, espreita</i>	<i>Tokáia</i>	<i>Cabana em que o caçador espreita a caça</i>



Outras palavras Indígenas não tão comuns...

<i>Orobó</i>	(cidade do sertão de Pernambuco): orô (nosso) + bó (buraco) = nosso buraco, nosso esconderijo.	<i>Seridó</i>	Sem folhagem ou pouca sombra
<i>Piancó</i>	(cidade do interior da Bahia): pian (colher) + có (roça) = colher, tirar a roça.	<i>Crateús</i>	Lugar muito seco
<i>Bodocó</i>	(cidade do sertão de Pernambuco): bodó (mala) + icó (roça) = mala de couro para levar para a roça.	<i>Kiriry</i>	Quieto, calado, silencioso
<i>Cabrobó</i>	(cidade do interior de Pernambuco): caa (mata) + borobó (gente braba) = mata de gente braba.	<i>Curimataú</i>	Rio das curimatãs
<i>Carioca</i>	(karí-oca) = casa de branco	<i>Pajeú/Pajey</i>	Rio do feiticeiro
<i>Cariri</i>	Nome dado em função da presença dos índios cariri (caa + iriri) = escondidos no mato.	<i>Grajaú</i>	Pássaro que come
<i>Mororó</i>	(região de fazenda do sertão de Pernambuco): moró (sabor amargo) + oró (superior) = árvore conhecida como braúna que tem sabor muito amargo.	<i>Ipanema</i>	Água ruim
<i>Inhamuns</i>	Irmão do Diabo	<i>Jaguaribara</i>	Morador ou habitante do rio das onças
		<i>Jururu</i>	Triste
		<i>Oca</i>	Casa, cabana
		<i>Paraná</i>	Grande rio
		<i>Pará</i>	Rio
		<i>Paraíba</i>	Rio com pouco peixe, rio ruim
		<i>Sergipe</i>	Com olhos inquietos
		<i>Imbú</i>	Planta que armazena água na raiz
		<i>Xique-Xique</i>	Planta cactácea

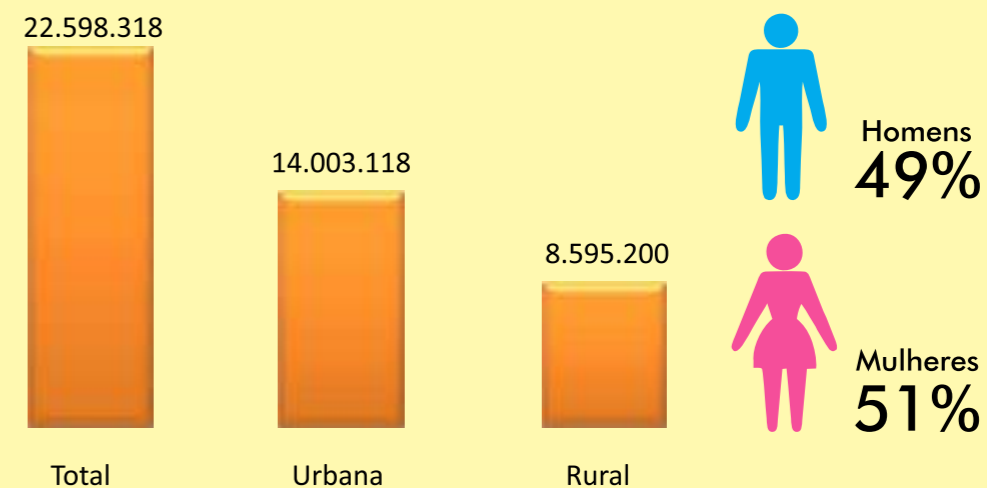




Uma população de resistência e que constrói um futuro

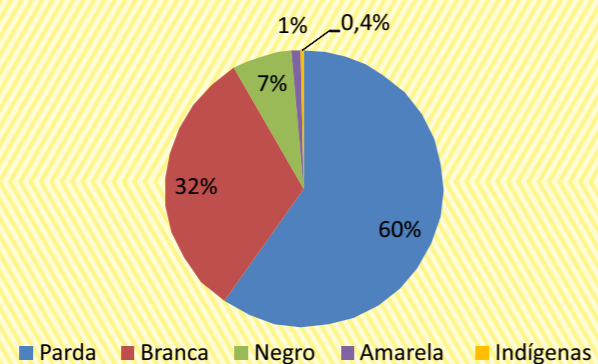
No Semiárido brasileiro existem pessoas que nasceram na região e/ou nela vivem. Mas também há os emigrantes, aquelas pessoas que saíram do Semiárido para viver em outras partes do Brasil e do mundo, que não perderam a identidade com a região, e os imigrantes, uma população que veio de outras partes do país e do mundo para morar na região. Todas essas pessoas formam hoje a população atual do Semiárido brasileiro.

População atual do Semiárido



A população residente no Semiárido brasileiro (SAB) chega atualmente a 22.598.318 habitantes, representa 43% da população da região Nordeste e 12% da população brasileira. O maior número de pessoas mora na área urbana. Quanto à distribuição por sexo, verifica-se que na região existem mais mulheres que homens.

Composição Étnico-racial



A quantidade de pessoas por idade se apresenta da seguinte forma:

- Os adultos (entre 19 e 59 anos de idade) são maioria;
- Existem mais crianças (até 11 anos de idade) que adolescentes (entre 12 e 18 anos de idade);
- Porém, a população formada por adolescentes é maior que a de idosos (60 anos ou mais de idade).





O Semiárido brasileiro é uma Fonte de Inspiração

Nossa região também é rica no campo artístico. Expressamos nossa realidade ao cantar, contar, dançar, tocar e escrever... Por isso, você pode encontrar textos de autores que são inspirados na vida cotidiana do Semiárido brasileiro, como Patativa do Assaré, Oliveira de Panelas, Graciliano Ramos, Câmara Cascudo... entre outros e outras....

“Este fértil Semiárido que nós temos
Que, aí, dizem, que é seco e não dá nada
Segundo a educação oficial
Que chega descontextualizada
Distorcendo, o Sertão, em sua imagem
Cinco séculos de história mal contada
Essa cínica visão enganadora
Que mostrava o Sertão como inviável
Bruto, quente, espinhoso e ressequido
Habitado por gente miserável...
Desse jeito, o Sertão foi divulgado
Através dessa lente cultural...
Só não pode dobrar nem destruir
O espírito do forte Sertanejo...”

OLIVEIRA DE PANELAS; JOSÉ DE SOUSA, 2007.

“... Quando a mente enferruja e atrofia
Não produz, fica estreita, nada alcança
Não projeta, não pensa, não avança
Dos valores reais se distancia
Na inércia de sua letargia
Não fazer, não criar, é sua lei
Aridez, no que li e no que sei
Não está só na territorial
A mais triste aridez é a mental
A pior que até hoje eu encontrei...”

OLIVEIRA DE PANELAS; JOSÉ DE SOUSA,
2007.

“O sertão é o livro aberto
Onde lemos o poema
Da mais rica inspiração
Vivo dentro do sertão
E o sertão dentro de mim
Adoro as suas belezas
Que valem mais que as riquezas
Dos reinados de Aladim”

PATATIVA DO ASSARÉ, 1978.

“(…)- Fabiano, você é um homem,
exclamou em voz alta.
Conteve-se, notou que os meninos
estavam perto, com certeza
iam admirar-se ouvindo-o falar só.
(…)

- Você é um bicho, Fabiano.
Isto para ele era motivo de orgulho. Sim
senhor,
um bicho, capaz de vencer dificuldades
Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o
tiraria dali.
Aparecera como um bicho, entocara-se
como um bicho, mas
criara raízes, estava plantado. Olhou as
quipás, os mandacarus e os xiquexiques.
Era mais
forte que tudo isso, era como as
catingueiras
e as baraúnas. Ele, Sinha Vitória, os dois
filhos e a cachorra Baleia estavam
agarrados à terra (...)

GRACILIANO RAMOS, 1997.

“O sertanejo não fala errado. Fala diferente de
nós apenas. Sua prosódia, construção gramatical
e vocabulário não são atuais nem faltos de
lógica. O sertanejo usa, em proporção séria, o
português do século XVI, da era do
descobrimento (...). O ambiente renovado pelos
jornais, escolas, visitas e viagens, atravessam um
período de transformação rápida. Pena é que um
filólogo (e não um gramático) perca a
oportunidade rara de ouvir como falavam Luis de
Camões e Gil Vicente. (...) Camões não usava
estou (penso); ventura (sorte), home (no sentido
pronominal indefinido), calidade, desagardecido
(desagradecido); eraro (claro); dixei (disse),
alevantar (levantar), arreceio, próprio (próprio),
treição (traição)? (...) Não convém rotular de
português errado o linguajar do nosso sertanejo.
Em geral o povo é conservador. Há meses, uma
velha negra quitandeira, ralhando com o neto
glutã, informou-me que ele, começando a comer
não tinha “parança”. Fiquei rindo da velha.
Quem estava digno de risadas era eu. Parança é
o ato de parar”.

LUIS DA CÂMARA CASCUDO, 2009.

“Lá no meio da caatinga
Sem moradia vizinha
À direita de um riacho
Um pé de palmeira tinha
Meu avô neste lugar
começou a trabalhar
E chamou carnaubinha (...)

Havia com abundância
Peba bola e tatu
Tinha ema e siriema
Paca, anta e caititu
Havia muita queixada
Vermelha onça pintada
Lombo preto e canguçu

Havia um olho d'água
Neste campo muito vasto
O qual chamavam do Cunha
E ali não faltava rastro
Paca, caititu, queixada
Onça vermelha pintada
As onças donas do pasto (...)

PINTO DO MONTEIRO, 2005.

“Centenas de Pirilampos
Que se espalham na amplidão,
Parecem bando de loucos
Com lanterninhas na mão
Iluminando os caminhos,
Sem saber aonde vão”.

ODILO NUNES DE SÁ, 2004.

“Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado da cinza... Onde a Caatinga é mais seca, irmão das almas, onde uma terra que não dá nem planta brava.... Vejo que o Capibaribe, como os rios lá de cima, é tão pobre que nem sempre pode cumprir sua sina e no verão também corta, com pernas que não caminham...”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO, 1984.

“(…)- E aqui surgem, no coração seco da caatinga, os beatos mais famosos, aqueles que arrastam multidão dramática no seu passo, enchendo o sertão de orações estranhas, de ritos supersticiosos, anunciando pela boca repleta de profecias o fim do mundo e do sofrimento dos camponeses (...)”

JORGE AMADO, 1979.

LUIZ GONZAGA (1912-1989)

Luiz Gonzaga do Nascimento, conhecido como “Rei do Baião”, é um dos maiores músicos brasileiro. Nasceu na cidade de Exu-Pernambuco, era sanfoneiro, cantor e compositor. Foi responsável pela valorização dos ritmos nordestinos.



ZÉ PRAXEDIS (1916-1983)

Compositor, poeta, violeiro e cantor. Foi o autor do primeiro livro sobre Luiz Gonzaga.



TÉO AZEVEDO

Cantor. Compositor. Violeiro. Repentista. Declamador de poesia matuta. Escritor. Folclorista. Radialista. Produtor fonográfico. Nasceu na localidade de Alto Belo, município de Bocaiúva, norte de Minas, localizado entre os vales dos rios Jequitinhonha e São Francisco.



MINERVINA E SOLEDADE
Repentistas paraibanas.

Exercício 1

Marque no mapa abaixo os estados pertencentes ao Semiárido brasileiro.



Exercício 2

Responda as seguintes questões:

1. No Semiárido brasileiro é preciso se preparar para os anos de estiagem, visto que a sua ocorrência é normal e esperada. O que você acha disto?

2. Você sabia que a Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro e está concentrado na Região Nordeste e parte do Sudeste do Brasil? Pesquise sobre esse bioma e comente.

3. Podemos destacar várias potencialidades das regiões secas que formam o Semiárido: frutas nativas como o umbu, artesanato em couro, fibra e madeira, na gastronomia o arroz de leite, entre outros. É preciso valorizar essas riquezas. O que você acha disso?

4. Viver no Semiárido é possível?



O QUE FAZ O INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO

O INSA

É uma instituição federal de pesquisa, com enfoque no Semiárido Brasileiro (SAB), integrante do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Pelo seu perfil regional, articula, promove e divulga a Ciência, Tecnologia e Inovação como patrimônios universais para o bem da sociedade.

O ALCANCE TAMBÉM É INTERNACIONAL

O Insa tem expressão internacional, como o correspondente Científico do Brasil junto a Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação no mundo e ponto focal Nacional no Marco de Cooperação entre Países de América do Sul e Países Árabes para Cooperação Técnica, Científica e Tecnológica.

CONDUZIR O INSA É UMA TAREFA DE MUITA RESPONSABILIDADE

O Insa deve responder sobre Ciência, Tecnologia e Inovação para a sociedade do Semiárido brasileiro. Dessa forma, as pessoas que conduzem o Instituto assumem um compromisso com a região e com os povos que nela habita, além de buscar de forma permanente aprofundar seus conhecimentos sobre as realidades do nosso país, da América Latina e do mundo, e a relação entre elas.

LEI DE CRIAÇÃO

O Insa foi criado pela Lei nº 10.860, de 14 de abril de 2004 e regulamentado pela Portaria MCT nº 896, de 30 de novembro de 2006.

QUEM SÃO OS AUTORES?

Durante várias semanas uma equipe de pesquisadores do Instituto Nacional do Semiárido (INSA) trabalhou para produzir esta publicação. Este é o primeiro exemplar da Coleção **Conhecendo o Semiárido**. A ideia é construir com vocês – leitores – um conjunto de informações sobre o Semiárido brasileiro, com a finalidade de reconhecer e valorizar as nossas potencialidades.

Somos pessoas de diferentes origens: do SAB e de outras regiões do Brasil e do mundo, mas todas residentes em municípios da região.

Aldrin M. Perez-Marin (Nicarágua)

Ana Paula Silva dos Santos (Maceió, Al)

Luis Felipe Ulloa (Colômbia)

João Macedo Moreira (Icó, CE)

Hallyson Alves (Campina Grande, PB)

Rosilene Cassiano (Campina Grande, PB)

Anderson M. Lima de Medeiros (João Pessoa, PB)

Bergson G. Bezerra (Taperoá, PB)

Lindemberg Lucena da Silva (Campina Grande, PB)

Façam sugestões através do email: insa@insa.gov.br



REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. Seara Vermelha. 35a. edição. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. Filosofia de um trovador nordestino. In. O Retrato do Sertão. 15 ed. Ed. Vozes, Petrópolis/RJ, 1978. pp 233-238
- BRASIL. *Nova delimitação do Semi-árido Brasileiro*. Ministério da Integração Nacional/Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional. Brasília, 2005.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Viajando o sertão. In. Classicismo Sertanejo. 4. Ed. São Paulo: Global, 2009. pp. 63-65
- DUQUE, José Guimarães. O Nordeste e as lavouras xerófilas. 4a ed. - Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse do Censo Demográfico 2010. IBGE: Rio de Janeiro, 2011.
- INSA. Sinopse do Censo Demográfico para o Semiárido Brasileiro. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Campina Grande: INSA, 2012.
- MALVEZZI, Roberto. Semi-árido: uma visao holistica. Brasilia: Confea, 2007.
- MEDEIROS, Irani. Pinto do Monteiro: o bardo do Cariri. In. O tempo em que foi vaqueiro. 2a ed. Joao Pessoa: Ideia, 2005.
- NETO, João Cabral de Melo. Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta. 20ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984. pp. 69-112.

PANELAS, O.; SILVA, J.S. Outra visão outro sertão. In. Semiárido dado, mas não desejado. Campina Grande: INSA, 2007.

PANELAS, O.; SILVA, J.S. Outra visão outro sertão. In. Fui, voando, ao futuro e retornei. O que vi, pra vocês eu vou contar. Campina Grande: INSA, 2007.

PENMAN, H.L. The physical bases of irrigation control. In: Hort. Congr., 2, London: Royal Horticultural Society, 1953. p.913-924.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 72a. edição. São Paulo: Record, 1997.

SÁ, Odilo Nunes de. In PINHEIRO, Helder (org). Pássaros e bichos na voz de poetas populares. Campina Grande: Bagagem, 2004.

THORNTHWAITE, C.W. Atlas of climatic types in the United States. Mixed Publication, 421, U.S. Department of Agriculture, Forest Service, 1941.

UNESCO. Aridity definition (UN documents). United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, New York. 1979.
<http://www.unesco.org/new/en/unesco/resources/publications/> Acesso em 15/10/2010

SITES CONSULTADOS

<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1136>

<http://mekstein.blogspot.com.br/2010/02/pequeno-dicionario-de-palavras.html>

<http://povodearuanda.wordpress.com/2007/12/03/mini-dicionario-tupi-guarani/>

<http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=4949> CARIRY, Rosemberg Cariri. A nação das utopias.

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=594331> Acesso em 16 de julho de 2013.

APÊNDICE

Título das Figuras

IMAGENS DA CAPA

Dunas. Parque Estadual Mata Seca/Bahia. Arquivo: MMA. Fotógrafo: Eraldo Peres Pássaro Cancão (*Cyanocorax cyanopogon*). Fotógrafo: Manuel Pedro Pereira (Manu) Pessoas em círculo: Comunidade Quilombola Feijão e Posse – MirandibaPE. Fotógrafa: Kel Baster
Mandacaru na fenda da rocha. Arquivo: MMA. Fotógrafo: Adriano Gambarini

PÁGINA 04

Palma Forrageira. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo
Açude de Boqueirão/Paraíba. Arquivo: Insa. Fotógrafo: Aldrin Perez
Ypê Roxo. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto
Crianças de mãos dadas: Assentamento Vitória/Campina Grande-PB. Arquivo: Insa. Fotógrafa: Ana Paula Santos
Fruta Umbú: Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo
Gado Pé-Duro. Arquivo: Insa. Fotógrafo: Carlos Ticiano Coutinho Ramos
Crianças plantando. Alunos escolas públicas de Campina Grande-PB. Arquivo: Insa. Fotógrafo: Paulo Luciano da Silva
Agricultor experimentador mostrando banco de sementes. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo
Chapéu de couro. Fotógrafa: Kel Baster
Bodes. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo
Flor com abelha. Sertânea/PE. Fotógrafa: Kel Baster
Jumento com filhote. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo

PÁGINA 06

Raquel de Queiroz. Foto: www.ccpq.puc-rio.br

Fonte: <http://www.ccpq.puc-rio.br/70anos/no-tempo/ha-40-anos/1977/rachel-queiroz-e-primeira-mulher-eleita-para-abl>
Paulo Freire. Fonte: noticias.r7.com
Ariano Suassuna. Foto: Reprodução/TV Bahia
Fonte: http://s.glbimg.com/jo/g1/f/600x0/2011/05/25/ariano_1.jpg
Celso Furtado. Arquivo Celso Furtado. Foto: Paulo Jabur
Fonte: http://www.bibliotecacelsofurtado.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=76
Zabé da Loca. Fonte: <http://joneproducoes.com.br/wp-content/uploads/2012/09/Zabé-da-Loca.jpg>

PÁGINA 08

Mapa: O Clima Semiárido no Brasil
Fonte: Kottke, M., J. Grieser, C. Beck, B. Rudolf, and F. Rubel, 2006: World Map of the Köppen-Geiger climate classification updated. *Meteorol. Z.*, 15, 259-263. DOI: 10.1127/0941-2948/2006/0130
Adaptação: Insa

PÁGINA 10

Mapa: O Clima Semiárido na América Latina
Fonte: Kottke, M., J. Grieser, C. Beck, B. Rudolf, and F. Rubel, 2006: World Map of the Köppen-Geiger climate classification updated. *Meteorol. Z.*, 15, 259-263. DOI: 10.1127/0941-2948/2006/0130
Adaptação: Insa

PÁGINA 12

Mapa: O Clima Semiárido no Mundo
Fonte: Kottke, M., J. Grieser, C. Beck, B. Rudolf, and F. Rubel, 2006: World Map of the Köppen-Geiger climate classification updated. *Meteorol. Z.*, 15, 259-263. DOI: 10.1127/0941-2948/2006/0130
Adaptação: Insa

PÁGINA 14

Mapa: A Região Semiárida do Brasil
Fonte de dados: IBGE, 2010.
Adaptação: Insa

PÁGINA 18

Mapa: Brasil destacando o Semiárido brasileiro
Fonte de dados: IBGE, 2010. Adaptação: Insa

PÁGINA 19

Mapa: Imagem de satélite do Semiárido brasileiro
Fonte de dados: IBGE, 2010.
Adaptação: Insa

PÁGINA 20

O Semiárido brasileiro é formado por diversas regiões naturais
Imagem acima: Canyon do Rio São Francisco. Arquivo: MMA. Fotógrafo: Adriano Gambarini
Imagem abaixo: Caatinga. Juazeirinho/PB. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo

PÁGINA 22

Imagens da Região do Agreste
Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo

PÁGINA 24

Imagens da Região da Caatinga
Acima: Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto
Esquerda. Arquivo: Insa. Fotógrafa: Ana Paula Santos
Direita. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

PÁGINA 26

Imagens da Região do Carrasco
Acima. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto
Esquerda. Fonte: www.diariodonordeste.globo.com
Direita. Fonte: www.citybrazil.com.br/

PÁGINA 28

Imagens da Região do Seridó
Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

PÁGINA 30

Imagens da Região das Serras
Acima. Arquivo: AS-PTA
Esquerda. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo
Direita. Arquivo: AS-PTA

PÁGINA 32

Imagens da Região dos Cariris
Acima. Arquivo: Insa. Fotógrafo: Magno Feitosa
Esquerda. Arquivo: Insa. Fotógrafo: Bergson Bezerra
Direita. Arquivo: Insa. Fotógrafo: Bergson Bezerra

PÁGINA 34

Imagens da Região dos Sertões
Acima. Fotógrafa: Kel Baster
Esquerda. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto
Direita. Fonte: jobbj.blogspot.com.br/

PÁGINA 36

Imagens da Região do Curimataú

Acima. Arquivo: AS-PTA
Esquerda. Arquivo: AS-PTA
Direita. www.ivanildosantos.blogspot.com.br/

PÁGINA 38

O Semiárido tem história
Imagem da Caatinga no período seco. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo

PÁGINA 40

Indígenas no Semiárido brasileiro
Povo indígena Xucurú, município de Alagoinha/Pernambuco. Fonte: REMDIPE

PÁGINA 41

Indígenas no Semiárido brasileiro
Imagem acima: Povo indígena Tuxá, município de Inajá, Pernambuco. Fonte: REMDIPE
Imagem Esquerda: Povo Pataxó, Bahia. Fonte: SEAGRI.
Imagem Direita: Chucalho indígena, Kiriri, município de Banzaê, Bahia.
Fonte: funaiceara.blogspot.com.br/2010/10/tapeba

PÁGINA 42

Indígenas no Semiárido brasileiro
Imagem acima/esquerda: Ritual do flechamento do Imbu dos índios Karuazú. Pariconha/AL - Fonte: Juliana Nicolle Rebelo Barretto / UFAL
Imagem acima/direita: Cerâmica indígena Kiriri, município de Banzaê, Bahia. Fonte: maispe.blogspot.com
Imagem abaixo/esquerda: Etnia Kaimbé – Município de Euclides da Cunha/BA - Fonte: <http://diocesedeserrinha.com.braliza>
Imagem abaixo/direita: O Toré dança coletiva da etnia Tapeba – Caucaia/CE - Fonte: funaiceara.blogspot.com.br/2010/10/tapeba

PÁGINA 43

Troncos Linguísticos

Imagem esquerda: Tronco Tupi. Fonte:

www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=4949

Imagem direita: Tronco Macro Jê.

Fonte: www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=4949

PÁGINA 44

Naara Nascimento - Jovem da etnia Tapeba - Caucaia - CE

Fonte: Diário do Nordeste.

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=600134>

Fotógrafo: Melquíades Júnior/Iana SoaresPajé Armando Gomes Apaco da Aldeia

Tuxá, município de Rodelas/Bahia.

Fonte: <http://canal970.wordpress.com/2010/10/02/politica-afirmativa-da-uefs-garante-mais-dignidade-para-estudantes-indigenas/>

Mulheres quilombolas em comemoração no território

Fonte: http://portal.mda.gov.br/portal/noticias/item?item_id=7513698

Família Indígena Kiriri em Banzaê/BA

Fonte: <http://terraGaia.wordpress.com/2013/02/04/nacao-kiriri-a-agonia-sob-o-jugo-da-seca-e-da-fome/> *Fotógrafos: Dernival "Kiriri" dos Santos e Aparecido Silva da França*

Mulher indígena Tuxá. Inajá/PE

Fonte:

http://ocasopernambucoimortal.blogspot.com.br/2011_04_19_archive.html

Mulher e criança indígena Tuxá/BA

Fonte: <http://www.acordacidade.com.br/noticias/67253/politica-afirmativa-da-uefs-garante-mais-dignidade-para-estudantes-indigenas.html>

Grupo de remanescentes indígenas da etnia Pipipã. Município Floresta, na região

do Rio São Francisco/PE

Fonte: http://ocasopernambucoimortal.blogspot.com.br/2011_04_19_archive.html

Jovens da etnia Fulni-ô- Águas Belas/PE

Fonte: http://ceelufpe.blogspot.com.br/2011_01_01_archive.html

PÁGINA 48

Criança com chapéu de couro. Fonte: www.pactosemiarido.al.gov.br

Mulher com segurando uma balieira. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Mulheres quilombolas. Fotógrafa: Kel Baster

Vaqueiro. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Agricultor Experimentador de boné branco. Arquivo: Insa. Fotógrafa: Ana Paula Santos

Jovem com criança no braço. Arquivo: Insa. Fotógrafa: Ana Paula Santos

Criança escrevendo. Projeto Mulheres Rurais. Arquivo: Ong Concern Universal Brasil e Ong Cunha Coletivo Feminista

PÁGINA 51

Olhar da criança. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Idosa com pano na cabeça. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Mulher quilombola segurando doces. Fotógrafa: Kel Baster

Homem de chapéu preto e camisa xadrez. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Homem segurando objetos. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Homem carregando um tacho. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Idoso sorrindo. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Mulher mostrando alimentos. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

Adolescente. Arquivo: Insa. Fotógrafa: Ana Paula Santos

Homem e Mulher agricultores experimentadores. Arquivo: Insa. Fotógrafo: João Macedo

Jovem de camisa listrada. Arquivo: MMA. Fotógrafo: João Vital Souto

PÁGINA 52

Exposição de artesanato, doces e livro. Arquivo: Insa. Fotografia: Magno Feitosa
Grupo de dança folclórica. Fotografia: Kel Baster
Grupo de Xaxado. Arquivo: MMA. Fotografia: João Vital Souto
Renda Renascença. Projeto Mulheres Rurais. Arquivo: Ong Concern Universal Brasil e
Ong Cunha Coletivo Feminista
Mestre de Reisado José Pereira Lima.
Fonte: <http://www.sertaopaulistano.com.br/2011/11/o-artista-popular.html>

PÁGINA 57

Luiz Gonzaga
Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/img/620x300/luiz-gonzaga.jpg>
Zé Praxedis
Fonte:
http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/combatentes/jose_praxedes/praxedes004.jpg
Capa de Cordel. Autor: Teo Azevedo.
Fonte: <http://vendavaldasletras.files.wordpress.com/2011/12/teofilo.jpg>
Mulheres Repentistas: Minervina e Soledade. Arquivo: AS-PTA.
Fotografia: *Áurea Olímpia* Figueiredo Rêgo

PÁGINA 58

Exercício: Imagem representativa da divisão estadual do Brasil
Fonte: Insa

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSA – Instituto Nacional do Semiárido
MCTI – Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação
SAB – Semiárido brasileiro
SEAGRI - Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Reforma Agrária, Pesca e Aquicultura
REMDIPE - Rede de Monitoramento de Direitos Indígenas em Pernambuco
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFPA – Universidade Federal do Pará
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
MIN - Ministério da Integração